



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA – UNILAB**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA**

**GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**OSVALDO BETUEL DA SILVA**

**MOVIMENTOS ESTUDANTIS, LUTAS E CONQUISTAS DENTRO DOS ESPAÇOS  
ACADÊMICOS: A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES ANGOLANOS NO BRASIL**

**REDENÇÃO – CEARÁ – BRASIL**

**2022**

**OSVALDO BETUEL DA SILVA**

**MOVIMENTOS ESTUDANTIS, LUTAS E CONQUISTAS DENTRO DOS ESPAÇOS  
ACADÊMICOS: A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES ANGOLANOS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Administração Pública Presencial da  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Administração Pública.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrine

**REDENÇÃO-CEARÁ-BRASIL**

**2022**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Silva, Osvaldo Betuel da.

S586m

Movimentos estudantis, lutas e conquistas dentro dos espaços acadêmicos: a experiência de estudantes Angolanos no Brasil / Osvaldo Betuel da Silva. - Redenção, 2022.

Of: il.

Monografia - Curso de Administração Pública, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr.º Pedro Rosas Magrini.

1. Movimentos Sociais. 2. Movimentos Estudantis. 3. Unilab.  
I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 303.484

---

**OSVALDO BETUEL DA SILVA**

**MOVIMENTOS ESTUDANTIS, LUTAS E CONQUISTAS DENTRO DOS ESPAÇOS  
ACADÊMICOS: A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES ANGOLANOS NO BRASIL**

**Banca Examinadora:**

---

**Prof. DR. Pedro Rosas Magrini. Orientadora (UNILAB)**

---

---

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo conhecer as experiências de estudantes angolanos nos movimentos estudantis no Brasil e em Angola, a partir de uma proposta de estudo comparado, que torna-se interessante, pois apesar das limitações que o campo e a conjuntura nos impõe, é através dela podemos compreender de forma mais abrangente como tem sido o processo de lutas dos movimentos estudantis em espaços geográficos distintos. Para cumprir esse objetivo, analisamos bibliografias de abordagens distintas sobre as teorias que sustentam a explicação dos movimentos sociais, mas sobretudo entrevistas com estudantes angolanos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB/Ceará). Deste diálogo, trazemos a narrativa dos estudantes que iniciam a sua vida acadêmica em outro país e em uma Universidade internacional e multicultural, mas que em um ambiente específico e particular, um microcosmo de luta estudantil, vivenciam as contradições, as disputas internas, lutas e agendas diversas.

**Palavras Chave:** Movimentos Sociais; Movimentos Estudantis; Unilab.

**ABSTRACT:**

This paper aims to understand the experiences of Angolan students in student movements in Brazil and in Angola, from a comparative study proposal, which becomes interesting because, despite the limitations that the field and the conjuncture impose on us, it is through it that we can understand in a more comprehensive way how the process of struggles of student movements has been in distinct geographical spaces. To accomplish this goal, we analyzed bibliographies with distinct approaches about the theories that support the explanation of social movements, but especially interviews with Angolan students at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/Ceará). From this dialogue, we bring the narrative of students who begin their academic life in another country and in an international and multicultural University, but who in a specific and particular environment, a microcosm of student struggle, experience contradictions, internal disputes, struggles and diverse agendas.

**Key Words:** Social Movements; Student Movements; Unilab.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OS MOVIMENTOS SOCIAIS: ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITOS .....	11
2.1 Teorias da Mobilização de Recursos (TMR).....	13
2.2 Teoria dos Processos Políticos (TPP).....	16
2.3 Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS) .....	18
3. DA ÓTICA DOS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA OS MOVIMENTOS ESTUDANTIS - ME 22	
3.1 A Universidade e os Movimentos estudantis de Angola e Brasil.....	24
4. ESTUDANTES ANGOLANOS NO BRASIL: AS EXPERIÊNCIAS EM MOVIMENTOS ESTUDANTIS.....	30
Quadro 1: Informações pessoais dos entrevistados .....	31
4.2 Motivações, Cotidiano e lutas no ME no Brasil. ....	34
4.3 Relações Institucionais entre ME, Comunidade acadêmica da Unilab e organizações externas. ....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS .....	41

## 1. INTRODUÇÃO

As lutas dos Movimentos Estudantis (ME) têm sido históricas, pois eles destacam-se por estarem presentes nos momentos cruciais da história da política de alguns países, a necessidade de aprofundar os estudos que se centram nas discussões que permeiam os movimentos estudantis, nos propusemos a adentrar na percepção de como as suas lutas constantes têm resultado em melhorias nas políticas educacionais, promovendo uma maior liberdade das universidades públicas. Nas sociedades democráticas os ME ganham um papel preponderante, pois por meios deles é que diversificados grupos englobados na mesma causa buscam mudanças estruturais, exigindo por meio de diálogos e manifestações pacíficas a mudança dos paradigmas, afetando veemente uma sociedade. Segundo Mesquita (2006) os ME atingem a visibilidade por terem tido, em momentos, a aptidão de catalisar a vontade da sociedade como também ser porta-voz da mesma exercendo um histórico participativo em vários lugares do mundo. Na maioria das vezes estes grupos têm sido motivos de estudos de campos acadêmicos tais como, como Sociologia, História, Ciências políticas e outros. Não ficando de lado o campo da Administração Pública, busca a sua compreensão de modo a entender a sua participação na formação de sujeitos políticos, que se tornam circunstâncias no processo de tomada de decisão.

Este trabalho tem como objetivo conhecer as experiências de estudantes angolanos nos movimentos estudantis no Brasil e em Angola a partir de uma proposta de um estudo comparado, que torna-se interessante, pois apesar das limitações que o campo e a conjuntura nos impõe, é através dela podemos compreender de forma mais abrangente como tem sido o processo de lutas dos movimentos estudantis em espaços geográficos distintos.

A nossa pesquisa centralizar-se-á nas experiências de estudantes que iniciam a sua vida acadêmica em outro país e em uma Universidade internacional e multicultural, mas que em um ambiente específico e particular, um microcosmo de luta estudantil, vivenciam as contradições, as disputas internas, lutas e agendas diversas. Os Movimentos Sociais (MS) agrupam-se como grupos expressivos de impactos nas dinâmicas das reivindicações sociais, dispersos em diversas áreas eles identificam-se na como sendo conjuntural ou estrutural. Como destacam Bittar (2014, p.144) e Martins (2015, p.173), o entrosamento entre os diversos MS com os ME torna-os sujeitos ativos e políticos proporcionando lutas contínuas e

duradouras com pretensões de impactar as mudanças sociais buscando a construção de uma sociedade mais justa e democrática. As lutas empunhadas pelos ME são caracterizadas como sendo nobres, enfrentando os agentes políticos detentores do poder de tomada decisão para o desenvolvimento de ações mais democráticas, mas percebe-se que diante destas lutas constantes ainda é notório um sistema de ensino deficitário e desigual onde às políticas educacionais não se transformam em resultados positivos no âmbito social acadêmico. Diante disso propusemos nos propusemos as seguintes questões: de que modo se dá a participação de estudantes internacionais dentro de uma instituição brasileira de ensino superior? Até que ponto as reivindicações e gestão internas feitas pelos ME são homogêneas em espaços geográficos tão distintos? Como se procede as lutas dos ME diante das diversidades existentes dentro dos espaços acadêmicos?

É importante salientar que os ME na luta pela melhoria dos sistemas educacionais possuem um caráter histórico, datando desde o séculos, a exemplo do século passado no Brasil eles lutaram fortemente para o fim da ditadura militar em Angola, abraçando a luta para a descolonização, como destaca Figueiredo (2011, p. 04).

A vanguarda juvenil estava galvanizada na luta pela independência da antiga colônia africana, o que provocou um paralelo crescente que culminou com na guerra civil entre os três movimentos de libertação de Angola. A esquerda radical angolana, cujo embrião se formou no Estado Novo com Universitários críticos do sistema colonial, desempenhou um papel importante.

No Brasil não se torna diferenciado, o ME sempre buscou dar as caras nas demais lutas que impulsionaram a criação de uma sociedade mais justa, reivindicando inúmeras vezes como sendo que:

A universidade brasileira sempre apresenta um sistema dual de poder, pois apresenta ao mesmo tempo uma administração de tipo burocrático-hierárquico e uma estrutura de órgãos de colegiados [...] Os momentos históricos nas quais há forte mobilização dos estudantes, com reivindicação e autonomia na participação da gestão universitária, encontram-se em conjuntura de acirramento da luta de classes trabalhadoras [...] Podemos observar três momentos de grandes impactos do ME. O primeiro ocorreu na década de 1960, com intenção de discussão sobre as reformas de bases do governo de João Goulart. O segundo momento foi o final da década de 1970 e início da de 1980, quando o movimento operário luta contra a ditadura e pela democratização das instituições públicas. Por fim, o terceiro momento foi no final da década de 2000, a partir da vitória do Governo Lula para a presidência (Ferraro, [201-], p.10).

A proposta metodológica do nosso trabalho centra-se na aplicação de uma abordagem de pesquisa qualitativa, focando na compreensão de um determinado grupo social, buscando explicar os aspectos da realidade estudada, em sua complementaridade, se propõem em desenvolver uma pesquisa descritiva isso atendendo aos seus objetivos pretendendo descrever os fatos e fenômenos do objeto estudado. Quanto aos procedimentos, a serem aplicados o nosso trabalho se foca principalmente em estudos bibliográficos dos paradigmas dos movimentos sociais, sendo a eles a base da discussão que permite ter uma maior compreensão sobre a temática em estudo, mas também recorreremos a uma pesquisa documental e, por fim há aplicação de entrevistas com três estudantes angolanos da Unilab membros ativos das organizações de representações estudantis como DCE, CA e Associação dos Estudantes.

O critério de seleção pensado para a aplicação da nossa entrevista aos estudantes angolanos foi observado através da experiência vivida nos dois países dentro dos ME, como também o período de tempo vivido nos movimentos dentro do Brasil. A pretensão foi de ter diversos participantes dos mais diversos cursos possuidores de experiência nos ME, mas dada a conjuntura atual, houve várias dificuldades na realização da pesquisa. Das mais diversas dificuldades, a maior foi à disponibilidade de participação dos estudantes, pois muitos deles não se predisponham e outros simplesmente não queriam participar. As entrevistas foram pensadas em ser realizadas por meio de videoconferência, concretamente na plataforma google meet, mas dada as dificuldades para a realização da mesma dentro da plataforma, tivemos que recorrer a outros meios e com isso o nosso diálogo com os entrevistados foi feito a partir da aplicativo whatsapp, concretamente por um diálogo de mensagem de voz.

A nossa pesquisa divide-se em três partes que nos ajuda a ter uma maior compreensão da temática estudada. A primeira parte busca fazer uma abordagem genérica sobre os MS, compreendendo eles desde o seu surgimento histórico como também as influências dentro das mudanças sociais aos longos dos anos até a sua notoriedade dentro das sociedades angolanas e brasileiras. Já na sequência abordamos sobre o ME, relatando sobre as suas estruturas organizacionais e o seu impacto dentro das Universidades. No último ponto apresentaremos a visão dos estudantes entrevistados sobre a sua participação dentro dos ME, como também a percepção deles sobre a importância do mesmo.

## 2. OS MOVIMENTOS SOCIAIS: ABORDAGEM HISTÓRICA E CONCEITOS

A compreensão histórica dos Movimentos Sociais torna-se importante para o aspecto analítico dos Movimentos Estudantis, pois o seu enquadramento teórico permitirá destrinchar esta grande área de estudo que abarca diversos grupos distintos. Diversos estudiosos das áreas possuem pensamentos distintos sobre a construção histórica dos MS como o caso de Duarte e Meksenas (2008. p.122) afirmando que o século XIX é a gênese dos MS, pois foi neste período que surgem as primeiras lutas operárias organizadas sendo elas o cartismo<sup>1</sup> que era uma forma de oposição às ações direta e também o Ludismo<sup>2</sup> como formas secretas.

Já Poker e Arbarroti (2015, p.17) na sua contextualização histórica dos MS, chamam atenção aos cuidados sobre afirmar veemente sobre um período específico deles, pois os autores consideram os MS como o objeto de estudo mais precioso nas ciências sociais, sendo que possivelmente são eles que expressam com frequência o imaginário antropológico, sociológico e político influenciados pela filosofia, contratualismo<sup>3</sup> iluminista e o positivismo. Pensando de forma diferenciada nos deparamos com C. Taylor (1997) *apud* Poker e Arbarroti (2015) esclarecem que os MS são ocorrências da sociedade que se apresentam de forma clara aos cientistas sociais, pois, o autor considera que os MS são criações da sociedade moderna expressado pelos indivíduos na construção das suas identidades.

Ainda na senda da discussão dos MS, Gohn (2011, p.336) afirma que eles sempre existiram e nunca serão extintos, visto que eles representam as formas de organizações sociais, focando-se não somente na junção de pessoas para grupos de trabalho, mas por meio das suas experiências sociais e área de atividades, pois estas atividades promovem mudanças e inovações socioculturais. No decorrer dos tempos e como os desenvolvimentos das sociedades, os MS foram ganhando mais notoriedade, sendo discutidos por vários autores importantes na literatura, exemplos de Marx, Lenin, Weber, Durkheim dentre outros. Com a crescente globalização eles foram ganhando ainda mais destaques dentro das sociedades

---

<sup>1</sup> Construído pela associação dos operários e derivados pelas mudanças trazidas pela primeira Revolução Industrial. O movimento Cartista reivindica direitos políticos dos operários como o sufrágio universal, voto secreto e melhoria nas condições laborais de trabalho. Teve como sua origem nas décadas de 30 e 40 do século XX e o seu nome deriva da carta escrita pelo operário William Lovett em Maio de 1938. A carta registrava todas as reivindicações que os participantes do movimento desejavam ver implementadas nas políticas trabalhistas, e apesar de ter uma grande massa de apoiantes teve rejeitada todas as petições feitas.

<sup>2</sup> Considerada uma das primeiras revoltas dos operários, ele foi um movimento social ocorrido na Inglaterra entre os anos de 1811 e 1812. O movimento ia contra os avanços tecnológicos ocorridos pela primeira Revolução Industrial que ocasionaram a substituição do trabalho humano por máquinas. Eles foram conhecidos também como "quebradores de máquinas", pois participaram de revoltas e protestos radicais. O movimento ficou marcado pela invasão de diversas fábricas e pela destruição de máquinas e equipamentos, considerados os motivos do desemprego e das péssimas condições de trabalho naquela época.

promovendo diferentes demandas como nos campos de consumo e comunicação ocasionando diversas mudanças intensificando o individualismo e gerando assim os movimentos ofensivos e defensivos (Duarte e Mekesenas, 2008).

Surgindo no século XIX, eles foram vistos como uma expansão da área da política, lutando pelos seus interesses como também a necessidade do reconhecimento dos seus poderes diante da sociedade, mas os seus procedimentos de busca davam-se por meios não convencionais focando a utilização de passeatas, protestos, atos violentos e outros meios (Tilly *apud* Gohn 1997. p.167). Nesta abordagem histórica sobre o surgimento dos MS, Gohn (1997), foca-se não propriamente em destacar o período exato, mas sim em elucidar a importância deles dentro das sociedades como instrumentos catalisadores das mudanças de paradigmas afirmando que:

A centralidade da categoria luta social juntos aos homens em geral explica -nos a existência dos MS em vários segmentos da sociedade. Eles estão em luta na defesa dos seus interesses, buscando conquistas ou resistindo às mudanças que solapam conquistas anteriores. Sempre atuam em áreas de conflitos. Historicamente sempre foram os setores subordinados os que mais produziram lutas sócias, mas encontramos também lutas de movimentos em setores dominantes, esses também em busca de construção de sua historicidade. (Gohn 1997. p.169).

Os MS são importantes diante de uma sociedade, independentemente do seu período histórico eles sempre se destacaram como provedores de reivindicações culminado com mudanças, sendo elas grandes ou pequenas, eles são vistos como a demonstração de poder da sociedade civil, sua existência vai pra além das suas reivindicações. Historicamente os MS participam da mudança social de um país, podendo ser gradativas ou mesmo conservadoras em conformidade com as forças sociopolíticas a quem estão interligadas (Gohn, 1997, p.170).

Nos primeiros estudos feitos para analisar o MS, eram focado somente na luta da classe trabalhista perante as suas reivindicações, mas com o passar do tempo se passou a focar em diversos outros grupos como distinguem Hobsbawn (1978) *apud* Duarte e Makneses (2008), os MS podem ser iniciativas feita por grupos de trabalhadores industriais e urbanos, como também formas de protestos da vontade popular dirigidas por diferentes grupos socioprofissionais ou eventos caracterizados por grupos organizados caminhando pelas ruas em formas de protesto com intenção de expressarem os seus ideias ou podem ser também movimentos militares.

Com isso é necessário ter uma noção mais aprofundada do real conceito dos MS de modo a poder compreendê-los na sua maior plenitude. (Melluci, 1989 *apud* Lima e Araújo 2010, p.119) apresenta um conceito bastante simples, mas com tamanha relevância para se compreender melhor os MS, o autor afirma que os mesmo podem ser encarados ou vistos

como formas de ação coletiva, com foco na solidariedade, desenvolvendo conflito e rompendo os limites do sistema em que ocorre ação. Já Alonso (2009, p.49), faz uma pequena menção sobre aquilo que poderia significar os MS destacando eles como multidões centradas por mudanças pacíficas, desinteressadas no poder do Estado. Perante os dois conceitos apresentados são notórias pequenas aproximações e distanciamentos nas suas ideias, ambos abordam sobre união entre um grupo que busca um mesmo objetivo, mas enquanto (Melucci, 1989 *apud* Lima e Araújo, 2010) nos falam sobre o foco que estes grupos possuem na necessidade do rompimento dos limites impostos pelo sistema, (Alonso, 2009) aborda sobre a distância dos mesmos perante o poder do Estado, mas devemos frisar que o autor faz a sua abordagem analisando a movimentação dos MS na década de 60, ou seja, a autora percebe a mudança de pensamento dos MS ao longo do tempo.

Segundo Alonso (2009), o crescimento massivo dos MS no séc. XX originou um maior engajo por parte dos estudiosos da respectiva área de modo a se aprofundar nos estudos para maior compreensão do fenômeno. Este novo fenômeno demandava uma explicação mais aprofundada e disso surgem nos anos 1970 três teorias que se focaram em compreender da melhor forma os “movimentos sociais” elas foram: Teoria de Mobilização de Recursos. (TMR); Teoria do Processo Político (TPP); e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). As teorias sobre os MS são encaradas por duas vertentes: a europeia e a norte-americana. Na Europa, se destaca a TNMS focando na identidade de um movimento que se desenvolve no centro da estrutura do processo de conflitos de uma sociedade. Já as correntes norte-americanas desenvolvem a TMR e a TPP que centra na compreensão da relação dos movimentos com as organizações (Mizoczky, et al, 2008).

Carlos (2015) afirma que ambos os paradigmas convergem na abordagem de procedimentos adicionais da ação coletiva, mas que os mesmos divergem em discussões como racionalidade contra expressividade e na contradição micro contra macro. As correntes estadunidenses TMR e TPP focam seus estudos na análise do desenvolvimento e sucesso da ação coletiva, tendo como base a racionalidade da ação e o nível micro da análise, já a TNMS em paralelo encara os movimentos numa perspectiva histórica tendo uma percepção macro, destacando-os como espaços de produção e lutas identitárias e simbólicas, originando laços entres os envolvidos.

## **2.1 Teorias da Mobilização de Recursos (TMR)**

A TMR teve como seus precursores Olsen, Oberschall, McCarthy e Zald. Segundo Alonso (2009) os dois primeiros autores citados foram os fundadores do respectivo

pensamento, mas foram os seus predecessores McCarthy e Zald que abordaram de forma mais precisa e detalhada sobre a teoria. Os mesmos elucidam que a explicação da TMR pode centrar-se em questões como mobilizações coletivas e emoções coletivas, enfatizando a relação entre a disponibilidade de recursos como estrutura primária das organizações de modo a atender as demandas existentes, destacando que a perduração dos movimentos por longo tempo dá-se através da concepção de uma base organizacional passada por meios como boa liderança, estrutura administrativa, incentivos para a participação de meios para adquirir recursos e apoio (Misoczky; et al. 2008, p.05).

Na TMR os MS são apresentados como um conjunto de opiniões e crenças que representam preferências para alterar alguns componentes na estrutura social ou da distribuição de recompensas na sociedade. Assim sendo, é presumível que a ação coletiva se torna somente viável na presença de incentivos adequados (Misoczky, 2008, p.04). Como destaca (Alonso, 2009, p.52) diante da mobilização coletiva a decisão de agir seria uma decisão individual ocasionada pela análise entre custos e benefícios.

Olsen canaliza os seus estudos na busca da percepção do comportamento dos grupos de interesses, percebendo que aqueles de maior número de membros possuem maior facilidade na organização dos seus interesses coletivos em relação a grupos pequenos, realçando assim a importância dos líderes dentro das organizações. Por meios deste ponto foi onde Zald e MacCarthy aprofundaram os seus estudos buscando perceber dentro das organizações sociais, notando que os membros da mesma não eram somente estimulados pelos seus interesses, mas por agentes governamentais, entidades particulares e muitas outras organizações que possuíam interesses no produto ou objeto do movimento.

A mobilização é caracterizada como sendo um dos meios a serem usados na qual um determinado grupo detém o domínio geral dos recursos essenciais para a ação coletiva, mas é importante se ater aos recursos controlados pelos grupos antes da mobilização, pois eles podem gerar um impacto significativo durante o processo da mobilização coletiva. Os recursos essenciais para a mobilização são variados, sendo que não se existe um consenso sobre os quais seriam os mais importantes em relação a outros, podendo destacar os recursos tangíveis como: ativos, dinheiro, instalações e meios de comunicação e os intangíveis ou ativos humanos que seriam habilidades específicas dos integrantes dos movimentos a exemplo de habilidades jurídicas, de organização e outros (Jenkisn, 1983, p.533).

Como afirma Gohn (1997) na TMR os movimentos têm como seu ponto mais importante os recursos, humanos, financeiros e de infraestrutura, mas o seu surgimento ocorre por meio de oportunidades políticas e ações coletivas ocasionando na disponibilidade de

lideranças. (Scott 1981 *apud* Misoczky *et al* 2008) organiza os tópicos essenciais na mobilização de recursos, visto que as organizações não se elevam de forma leviana. De tal modo o autor destaca alguns fatores que afetam na mobilização de recursos sendo eles: as condições quando da fundação da organização; o tipo de incentivo aplicado a levar as contribuições que afetam a estrutura; e o ambiente em que a organização compete com as outras pelos recursos disponíveis. O último fator apresentado por Scott veemente interligado as três hipótese desenvolvidas por (McCarthy e Zald) sendo elas:

a- a de quando aumenta a quantidade de recursos disponíveis das massas e elites públicas, aumenta a quantidade tanto absoluta quanto relativa de recursos disponíveis para o setor de MSs; b- a de novas indústrias de MSs e organizações MSs que desenvolvem para disputar estes recursos; c- e a de que quanto mais competitividade à indústria de MSs (em função do número e do crescimento das organizações de MSs existentes), maior a possibilidade de novas organizações se proponham metas e estratégias mais limitadas (McCarthy e Zald *apud* Mizoczky, *et al*, 2008, p.05)

Na TMR os movimentos eram vistos como uma parte do mercado em que diversos grupos mobilizam-se com intuito de obter vantagem e mais recursos que outros, a competição ocorre de forma livre num mercado aberto de grupos e ideias onde poderiam participar outras organizações para obter adeptos e recursos para o atingimento das suas metas. (Zald e MacCarthy, ANO 1973 *apud* Gohn, 1997) repartem os movimentos dentro da TMR em duas grandes categorias apresentadas como: consenso e conflito. Os movimentos na categoria do conflito tinham como foco as mudanças sociais a exemplo de MS como das feministas, trabalhadores, pessoas pobres, estudantis, pelos direitos civis, etc. Já os da área de consenso eram diferenciados, pois alguns deles centravam-se em lutas com finalidade a ordem do status quo vigentes e outros meramente procuravam expandir as fronteiras existentes dentro dos seus objetivos (GOHN, 1997).

De acordo com Jenkins (1983) a TMR na sua forma mais diferenciada serve para elencar a importância das contribuições externas e da captação de recursos institucionais pelos movimentos sociais contemporâneos. Gohn (1997) elucida que a variável mais importante da TMR são os recursos, pois, os MS surgem quando os meios de aquisição de recursos se tornam viáveis. Ainda sobre a compreensão da TMR a autora destaca os estudos desenvolvidos por (Oberschall em 1993) que procura explicar o comportamento das organizações sociais face às mudanças tecnológicas, crises econômicas e crescimento populacional, relatando que estas mesmas mudanças chegam para qualquer sociedade e nelas os MS detêm um papel fundamental para que isso ocorra, pois por meio delas se vislumbra a pressão dos grupos diante das instituições sociais. Tanto que:

os movimentos começam como uma reação às mudanças ou as novas políticas que afetam negativamente os interesses ou o modo de vida de muitas pessoas [...] Portanto os movimentos não surgem como resultado de um acontecimento abrupto ou dramático, mas devido ao aumento de experiências tidas como injustas e desiguais; e podem ser estimulados por indivíduos que aumentam sua capacidade para agir coletivamente (Gohn, 1997, p.42).

Oberschal (1973) nos leva a pensar sobre a complexidade e importância dos MS nas sociedades, obliterando a ideia deles como simples organizações com interesses próprios, mas fazendo-os serem conotados como essenciais na sociedade, pois eles são agentes da mudança e expressam a vontade da coletividade perante situações delicadas.

## **2.2 Teoria dos Processos Políticos (TPP)**

Surgindo nos anos de 1970 a TPP foi projetada como sendo o novo paradigma na corrente analítica americana, centrando-se na pesquisa de elementos que visassem suprir as lacunas deixadas pela TMR devido ao foco central na temática econômica e aquisição de recursos. Ela centrou-se nos estudos sobre a estrutura das oportunidades políticas, a acentuada organização na estrutura dos grupos e a aplicação da cultura na análise dos discursos promovidos pelos movimentos (GONH, 1997). De acordo com Alonso (2009), a TPP e TMNS originam-se dos debates sobre revolução, as duas são contra a aclaração determinista e economicista da ação coletiva, como também da ideia de um sujeito histórico universal. Ambas elaboram abordagens que afastam a economia como solução explicativa e elas combinam cultura e política como base fundamental dos MS.

Tendo iniciado os seus estudos com Tilly em 1975 a TPP aprofundou-se as suas pesquisas nos movimentos revolucionários na França e os de reforma na Inglaterra nos séc. XVII e XIX. Já Tarrow em 1993 focou os estudos nos movimentos de redemocratização da Itália na segunda metade do séc. XX. E por fim Douglas que centrou os seus estudos nos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos da América em 1982 (Alonso, 2009, p. 06). Dentro da TPP os MS são definidos como a sequência de diálogos existentes entre detentores do poder e representantes dos grupos devidamente organizados, expressando devidamente as suas inquietações por mudanças na distribuição ou exercícios de poder (Mizoczky *et al.*, 2008).

Os teóricos da TPP relacionam a emergência ao sucesso dos MS, analisando a estrutura de oportunidade políticas “EOP” no surgimento da ação coletiva, na vulnerabilidade do movimento para representar demandas sociais e da capacidade de intervir dentro das

instituições políticas de modo a torná-las flexíveis no atendimento das suas demandas (Carlos, 2015, p.22). Como explica (Tarrow, 1998 *apud* Alonso, 2009) as mudanças na EOP se abrem ou ocasionam a criação de novos canais na expressão de reivindicações dos grupos sociais.

De acordo com Gohn (1997) os MS toma forma através das oportunidades e constrangimentos políticos externos existentes em que estão inseridos. Isto faz com as estruturas de oportunidade dependem primordialmente de fatores como caráter repressivo ou permissivo do regime político, ou seja, é por meio desta estrutura que se acentuará o grau de representação dos grupos de interesses nas instituições públicas (Mizoczky, 2008). Assim sendo ao invés de criar premissas centrais como MS contra Estado a TPP “opõe ‘detentores do poder’ (os membros da polity), que têm controle ou acesso ao governo que rege uma população (incluindo meios de repressão), e “desafiantes”, que visam obter influência sobre o governo e acesso aos recursos controlados pela polity” (Alonso, 2009, p.08).

Os MS se desenvolvem dentro das fronteiras criadas pela estrutura prevalecente de oportunidades políticas tais como organizações formais do governo e das políticas públicas (McAdan *et al*, 2009, p.26). Fazendo com que a percepção das oportunidades políticas estaria ligada as estrutura representativa do indivíduo informando tanto a sua percepção da realidade como as suas ações, ou seja, a ação é guiada a partir dos componentes do ambiente percebidos como importantes para a permanência e a legitimidade dos movimentos (Mizocsky *et al*, 2008, p.08). Tarrow (1996) *apud* Gohn (1997) afirma que nos debates sobre as oportunidades políticas permeiam sobre quatro questões como: as estruturas em largas escalas; os autores; as variações nas oportunidades políticas; e os modos como as políticas de aliança e conflitos engatilham, canalizam e desmobilizam os movimentos sociais. De tal forma estes quatro pontos geram as seguintes abordagens:

1- Oportunidades políticas específicas: estuda a forma como a política e o meio ambiente institucional canalizam as ações coletivas ao redor de temas/problemas particulares e quais as consequências deste processo; 2-Oportunidades de grupos específicos: mudanças na posição de grupos na sociedade são analisados ao longo do tempo para verificar como afetam as oportunidades para a ação coletiva; 3- Estrutura de oportunidades centradas no Estado- [...] esta abordagem gerou o “paradigma estatista” muito popular nos anos 70 e 80. Inicialmente, foi uma reação às abordagens que viam o Estado como mero cruzamento do paralelogramo de forças sociais. Progressivamente foi-se enfatizado o Estado como arena de competição política, onde classe, status, conflitos políticos, etc. tem lugar; e 4- Estatismo dinâmico: os sistemas políticos sofrem mudanças que modificam o meio ambiente dos atores sociais o suficiente para influenciar o início, o desenvolvimento e os resultados da ação coletiva. (Gohn 1997. p.74-75).

A TPP promove uma maior compreensão dos MS, permitindo um olhar da mesma sobre outro prisma, mas há que frisar que a TPP ainda não se torna esclarecedora quanto ao âmago da percepção dos movimentos e compreensão das suas demandas dentro da sociedade. Como conclui Gohn (1997) a TPP representa um avanço entre as teorias já produzidas dentro do paradigma norte-americano.

### 2.3 Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS)

Desenvolvida na Europa na década de 1960, na TNMS destacam-se estudiosos como Touraine, Offe, Melucci, Laclau, Mouffee e Habermas, estes que focaram os seus debates na criação de estruturas interpretativas que se centravam na cultura, ideologias, as lutas sociais diárias, a defesa entre as pessoas pertencentes a um mesmo grupo e a criação de identidade Gohn (1997). Alonso (2009) visualiza os novos movimentos como mecanismos de resistência à colonização, ações sistemáticas e a compreensão entre o diálogo social em benefício da manutenção ou expansão das estruturas comunicativas envolvendo qualidade de vida, equidade, realização pessoal, participação e direitos humanos. A mesma tem como seguinte características:

Em primeiro lugar a construção de um modelo teórico baseado na cultura [...] Em segundo lugar, a negação do marxismo<sup>2</sup> como campo teórico capaz de dar conta da explicação da ação dos indivíduos e, por conseguinte, da ação coletiva da sociedade tal como efetivamente ocorre [...]; Em terceiro lugar o novo paradigma elimina também o sujeito histórico redutor da humanidade, predeterminado, configurado pelas contradições do capitalismo<sup>3</sup> e formado pela consciência autêntica de um a vanguarda partidária [...] Em quarto lugar, a política ganha centralidade na análise e é totalmente redefinida. Deixa de ser um nível de escala em que há hierarquias e determinações e passa a ser uma dimensão social da vida social, abraçando todas as práticas sociais [...] e; Em quinto lugar os atores sociais são analisados em pelos teóricos dos NMS prioritariamente sob dois aspectos: por suas ações coletivas e pela identidade coletiva criada por grupos e não identidade social criada por estruturas sociais que reconfiguram certas características dos indivíduos [...] (Gohn, 1997, p. 121-124).

Os NMS não surgem com pretensão de combater o Estado, muito menos com a ideia de conquistá-lo, mas sim como agentes de pressão social recorrendo por meio das suas ações direitas a finalidade de persuadir a sociedade, pois os movimentos são grupos coletivos nascidos da sociedade civil enraizados de uma cultura que demandaria uma democratização social com a intenção construir costumes e uma mudança cultural duradoura com base na sociedade civil Alonso (2009). Com pretensão de assegurar os direitos sociais da coletividade Gohn (2009) afirma que os mesmos usam a mídia, as atividades de protesto para mobilizar opinião pública a seu favor, como formas de pressão sobre os órgãos políticos. E por meio destas ações procuram propiciar transformações nos valores e modificar casos de discriminação, principalmente dentro das instituições da própria sociedade civil.

A caracterização dos NMS dentro dos estudos sobre os movimentos sociais toma como base uma abordagem mais construtivista diferente dos estudos desenvolvidos dentro do paradigma clássico marxista. Eles focam os seus estudos em movimentos como os dos

estudantes, mulheres, todos do universo das questões de gêneros, de minorias raciais e outros Gohn (1997). De tal modo abordaremos de forma sintética a contribuição de quatro estudiosos considerados como pilares da NMS.

O primeiro autor que daremos destaque no nosso trabalho para compreender os NMS será Habermas, nas suas abordagens o autor defende que os movimentos sociais seriam encarados como subculturas defensivas oriundos de respostas em situações de problema, estes mesmo na maior parte afetada por dois grandes gêneros destacando os de efeitos colaterais do desenvolvimento capitalista oriundos de situações como poluição, urbanização, abusos de animais, etc. Do outro lado os assuntos relacionados a problemas da sociedade contemporânea tais como poder militar, manipulação genética, controle de informações pessoais e outros Alonso (2009). Segundo Gohn (1997) a maior contribuição de Habermas na teoria surge em 1970 quando o mesmo por meio dos seus estudos afirma que os MS estabelecem formas distintas de relações e produção quando se deparam com diversos problemas comuns que carecem de soluções alternativas para os seus participantes.

O autor ainda reitera que os MS são divididos e também possuem dois papéis preponderantes, como: a forma em que eles são notados como elementos proativos no processo de aprendizado e formação da identidade social; e os movimentos democráticos tem potencial de iniciar processos que podem renascer a esfera pública ou seja os movimentos são encarados pelo autor como principais geradores e ampliadores dos espaços públicos da sociedade civil (Gohn, 1997). Segundo Alonso (2009) eles são divididos em movimentos de liberação e defensivos. O primeiro é visto como possuidores de caráter emancipatório demandantes da universalização dos direitos, eles também são possuidores de uma natureza ofensiva a exemplo dos movimentos de direitos civis e do feminismo. Os movimentos defensivos se dividem em os de defesa a propriedade tais como movimento dos pais de alunos, contra impostos e; os conhecidos como genuinamente os “novos” movimentos sociais que seriam movimentos como aqueles que lutam contra a estrutura de consumidores de mercado, dos serviços públicos e outros.

Na sequência daremos espaço ao estudo desenvolvido nos anos de 1960 por Alain Touraine. Ele afirma que os MS só podem existir diante da combinação de três pontos fundamentais: classe, nação e modernização. Os seus primeiros estudos criou a teoria das condutas e comportamentos sociais, em seguida focou-se em estudar os sistemas e mudanças sociais que ocorrem dentro dos movimentos. Para o autor os MS seriam ganho da vontade coletiva, pois os mesmo respondem por si mesmo como agentes da liberdade, de igualdade, de justiça social, apelo à modernização ou mesmo novas forças de libertação num mundo de

tradições, preconceitos e privilégios, pois os MS seriam vistos como um fragmento do sistema alimentado pela força da sociedade, concorrendo a direção do seu campo cultural (Gohn, p.143-145)

Touraine (1985) *apud* Gohn (1997) afirma que a teoria dos movimentos em torno das ações coletivas, das lutas, dos atores. Esta mesma teoria é submetida no interior de uma teoria mais abrangente que seria a teoria dos conflitos e a mesma estabelece seis categoria básicas de conflito:

os que perseguem interesses coletivos; os que desenrolam ao redor da construção da identidade social, cultura ou política de um grupo; os que são forças políticas que buscam mudanças das regras do jogo; os que defendem o status-quo e os privilégios; os conflitos derivados da busca de controle dos principais modelos culturais; e os conflitos derivados da busca de construção de uma nova ordem social (Gohn, 1997 . p. 146).

Com isso Touraine quer dizer que os MS são nada mais nada mesmo do que agentes de conflitos, pois é por meios disto que eles buscam adquirir o controle dos modelos culturais, fazendo deles tanto agentes negativos ou positivos da história que estão em busca da modernização ou da libertação das sociedades. Eles são encarados como frutos da relação de produção e organização social, visto que os mesmo não centram as suas lutas contra o Estado, mas sim por conquista de poder, logo, um movimento social é em simultâneo um conflito social de um projeto cultural. (Gohn, 1997, p.146).

Na sequência daremos foco nos estudos desenvolvidos por Alberto Melucci. Centrado no final dos anos 80 a sua produção se tornou referência mundial dando destaques aos estudos sobre a identidade coletiva dentro do NMS, o autor salienta sobre o sistema macrosociais centralizado no plano micro da ação coletiva do indivíduo tendo como prisma psicossocial (Gohn, 1997). Posterior em 1996 numa das suas obras mais importante, sobre os movimentos sociais o autor tem como centro dos seus estudos a teoria da ação coletiva definindo-a como um conjunto de práticas sociais e a capacidade das pessoas de incluir o sentido do que estão fazendo ou pode ser vista também como a união de numerosos tipos de conflitos assentes no comportamento dos atores sociais (Gohn, 1997. p.155).

Gohn (1997) destaca que para Melucci o MS é uma construção analítica e não meramente um objeto empírico, ele caracteriza formas de ação coletiva que apresentam solidariedade e manifestam um determinado conflito, estas formas conflituosas mais comuns dentro das ações sociais podem se manifestar nos MS como revoluções, violência, comportamento da multidão e conflitos decorrentes da participação em ações diretas. Assim sendo é perceptível na concepção do autor que os movimentos são sistemas de ações, redes complexas entre diferentes níveis e significados de ação social.

A análise dos MS na perspectiva de Melucci apresenta uma chave teórica e metodológica possuidora de aplicação para além do campo empírico das ações coletivas (Gohn, 1997, p.157) Baseando-se na abordagem dos estudos feitos por Touraine, o autor apresenta uma dicotomia entre os movimentos reivindicatórios, políticos e de classe. Os movimentos reivindicatórios buscam estabelecer mudanças nas normas e nos processos de destinados aos recursos públicos, já os políticos aspiram em induzir nas modalidades de acesso aos canais de participação política e promover mudanças nas relações de forças e por fim os de classe buscam revolucionar a ordem social alterando o meio de produção e as relações de classes. (Gohn, 1997).

O autor conclui que são os MS que promovem a busca de objetivos, desenvolvem estratégias e táticas para a ação como também formulam ideologia. Eles são de tamanha importância nas sociedades, vale salientar que as lideranças dentro dos movimentos torna-se o ponto chave para a sua construção, manutenção e permanência, convista a estabelecer uma identidade coletiva do grupo como também gerar inovações assim como articular o grupo dentro das suas redes de conexões. (Gohn, 1997. p. 163)

Por último destacamos Claus Offe, que se destaca na construção dos NMS com o seu trabalho publicado em 1985 e posteriormente em 1988. Offe faz a sua análise do MS diante de uma conjuntura sociopolítica pós Segunda Guerra Mundial, um período em que se destaca um avanço massivo do sistema capitalista. Assim sendo o autor foca os seus estudos entres o campo político e sociocultural (Gohn, 1997). Adotando o método de análise dialética o autor procurou compreender o ponto inicial na alteração das relações sociais, buscando observar as mudanças nas necessidades materiais e simbólicas da sociedade. Diante disso notou-se a incapacidade das instituições políticas e econômicas na percepção dos riscos e ameaças globais que estariam no centro da paralisação da capacidade de aprendizado das instituições de racionalidade tecnológica, econômica, política e militar. Nesta conjuntura surgem os NMS com meios de atuação e resposta necessárias ao conjunto específico de problemas (Gohn, 1997. p. 165).

Offe (1985) *apud* Gohn (1997) ilustra que a conjuntura dos anos 80 se dividia em dois paradigmas das ações coletivas sendo eles, os antigos, dominantes no pós-segunda guerra mundial e o novo que se destaca a partir dos anos de 1970. Segundo Gohn (1997) o paradigma antigo destaca-se pelo crescimento da seguridade social concentrando-se em três fundamentos: a atuação dos empresários e gerentes no mercado livre de acordo ao critério de rentabilidade; a atuação dos atores sociais como grupos econômicos de interesses; e a competição entre partidos políticos e regras da maioria. Já o novo paradigma também

denominado como os “modo de vida”, ele se expande entre os NMS, destacando alguns deles como os movimentos estudantil, feminista, de liberação sexual, lutas ecológicas, mobilização de consumidores, minorias étnicas, etc.

### **3. DA ÓTICA DOS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA OS MOVIMENTOS ESTUDANTIS - ME**

Os movimentos são vistos como consequências das insatisfações da sociedade perante as estruturas sociais, sejam elas econômicas culturais e políticas, eles surgem em detrimento do desagrado de indivíduos particulares diante de mudanças sociais separatistas. A formação de estruturas sociais de igualitárias origina grupos de reivindicações denominados como movimentos, estes mesmo grupos buscam por meio da participação e ação coletiva mudar o paradigma existente. Vechia (2012, p.36) afirma que dentro destes paradigmas existentes os movimentos sociais têm os seus estudos comprometidos, pois o seu ideal pode originar a sua extinção, ou seja, impregna-se esforço para atender às suas mínimas demandas para que os movimentos não sejam mais necessários. O movimento social é a extensão macro dos demais diversos grupos reivindicatórios originários de uma ação coletiva com foco na solidariedade social, assim faz-se dos movimentos estudantis uma parcela dele focando os seus esforços um determinado campo específico, mas vale frisar que a sua visão de atuação possui um repertório característico dos novos movimentos sociais, sendo encarado como uma expressão coletiva que consegue albergar outros atores sociais organizados, como também a capacidade de achar novas formas de intervenção social (Mesquita, 2003, p.118).

De acordo com Vachia (2012), os novos movimentos sociais possuem três elementos fundamentais característicos da ação coletiva, são eles a classe, ação e a modernidade. Os movimentos estudantis (ME) possuem características que os permite mesclar os três elementos, fazendo dele assim um movimento popular, pois o mesmo possui capacidade de se expressar por meio de outros grupos transcendendo as suas organizações estudantis, ele transforma-se diariamente promovendo relações constantes com a sociedade civil em si (Mesquita, 2003). O século passado é visto como o de maior destaque da atuação dos Movimentos Estudantis em diversas sociedades, ênfase no continente europeu a luta pela modernização e democratização das estruturas universitárias, na América latina reivindicava-se a reforma universitária como foco na democracia da gestão universitária e autonomia

perante o poder religioso, no continente africano as lutas centravam-se contra o fim da colonização e independência dos demais países do mesmo continente (FERRARO, 2014; VACHIA, 2012).

Dado o seu crescimento durante ao longo dos anos, o ME passa a englobar diferentes temáticas e tendências vinculadas aos novos movimentos sociais, como também discussão de temáticas variada tais como cultura, meio ambiente, paz movimentos de minorias e outros (Mesquita, 2003). Isso faz que o mesmo se torne mais aberto e plural podendo dar espaço para diversas discussões e meios para que várias outras pessoas e grupos universitários e da sociedade civil se identifiquem e busquem os mesmos objetivos. De acordo com Ferraro (2014, p.04) a literatura estabelece os ME como policlassista majoritariamente composto por pessoas de classe média tendo como foco das suas reivindicações a defesa do corporativismo centrado no seu futuro profissional. Eles também podem ser encarados como diferentes grupos que se potencializam o cotidiano estudantil, na criação de interesses e pautas diárias que buscam transformar diariamente a realidade dos estudantes, isso tanto dentro do espaço universitários quanto nas relações universitárias com a sociedade civil (Mesquita, 2003).

Segundo Ferraro (2014) o processo de formação e a formação de atuação do ME é determinado por questões de classes, porém o que torna decisivos são os meios de reivindicações que se apresentam com duas tendências predominantes sendo: a democrática, conectados aos setores explorados da sociedade, e a outra ligados a reprodução dos interesses das classes prioritárias. Ainda de acordo com Ferraro:

[...] Poderíamos conceituar, portanto, o ME no plural, como movimentos estudantis, mas o fato do ME ser policlassista é parte intrínseca de sua constituição no interior da sociedade de classes. Desta forma, apesar da história do ME ser marcada pela forte ligação com partidos e sindicatos dos trabalhadores, com objetivo de uma revolução socialista, também, em alguns momentos possui objetivos diferentes e/ ou contrários, como pode ser observado nos estudantes nazistas ou ligado às ditaduras. No entanto, em geral, o ME atua como contestador e ligado à luta em defesa dos direitos dos trabalhadores e contra as ditaduras civil-militares. Além de que, a luta pela autonomia da universidade e pela participação em sua gestão é uma das reivindicações que perpassa a história do ME [...] (Ferraro 2014, p.05).

A estrutura organizacional do ME assume como sendo complexa e diferenciada, pois de uma lado ela consegue dialogar com os diversos outros MS ocasionando uma inclusão e participação constante nas lutas sociais, mas doravante este ponto se torna também um perigo já que a mesma dispõe no interior dela a inclusão de pequenos grupos que possam ameaçar a luta pela busca dos direitos das minorias. Assim sendo Ferraro (2014) aponta sobre a necessidade destes novos movimentos sociais principalmente os ME buscarem uma

consciência de coletividade, da importância do pertencimento a uma organização social que busca o direito da igualdade.

Pela história é perceptível que a visibilidade do ME é acontece desde o momento que o mesmo se torna o incentivador de expressar a ambição da sociedade, tornando o porta voz da sociedade em vários cantos do mundo.. Na América latina em especial o movimento é marcado como momentos em que ele conquistou a visibilidade por meio de uma reformulação do espaço político e administrativo da universidade e posteriormente deixando as suas marcas no período das diferentes ditaduras, bem como na redemocratização do continente (MESQUITA, 2006, p.62).

Em África a situação não foi diferente com a crescente de estudantes vindos da diáspora a luta contra império colonial eclodiu como afirma Figueiredo (2011), e após o 25 de Abril de 1974 os estudantes Universitários viam-se num novo espaço democrático em Angola, destacando-se como a primeira vez em que a voz juvenil era ouvida.

A partir dos anos 60 a massa estudantil já não podia ser ignorada era notório o seu crescimento massivo, o paradigma via-se a mudar aos olhos da sociedade, estudantes em todo canto do mundo reivindicavam diversas questões, desde a colonização e a necessidade de conceder a independência aos Países africanos, até a luta pela democratização universitária na América latina. Em comparação ao continente africano os estudantes na América latina tiveram um papel mais assíduo nas suas reivindicações podendo destacar momentos como: o surgimento da luta pela reforma iniciada em Córdoba; as lutas nacionalistas e o combate ao facismo; a luta contra as ditaduras e as manifestações estudantis de 68 nos diferentes países; e a atuação na abertura democrática do continente (MESQUITA, 2006).

### **3.1 A Universidade e os Movimentos estudantis de Angola e Brasil**

O espaço universitário se abre como o templo propício para a construção dos ideais dos ME, nele grupo de estudantes se unem de forma organizada com pretensões de se posicionarem diante da defesa dos seus direitos. Nas universidades brasileiras estes grupos são estruturalmente organizados possuindo dois órgãos de representação: o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e o Centro Acadêmico (CA), já nas Universidades angolanas o órgão de representação estudantil é conhecido como Associação dos Estudantes. Gohn (2016) enfatiza que os ME são possuidores de um caráter histórico, pois eles são processuais e as suas movimentações ocorrem dentro e fora dos espaços acadêmicos tanto quanto em outros espaços institucionais. Ele parte da vontade de compreender os Jovens, principalmente os

estudantes no que concerne o seu comportamento revolucionário, pois é dentro dos movimentos estudantis que os jovens podem expressar as suas reivindicações, nas quais se abordam questões como: cotas, passe livre, reforma universitária, democratização, etc. (Paula, 2007, p.18)

De acordo com Gohn (2016), na história do Brasil os ME sempre estiverem presentes, protagonizando papéis cruciais na história política do país desde situações como das ações dos estudantes de direito na fase do Brasil Império, pelas lutas estudantis dos anos 60, pelas “Diretas já de 1984”, pelos caras pintadas de 1992 até a UNE e as novas formas de ação. Segundo Ferraro (2014) existiram três momentos de grande impacto na história dos ME no Brasil. O primeiro ocorreu na década de 60 culminando com a intensa discussão sobre as reformas de base no governo de João Goulart, o momento a seguir foi da década de 70 e início dos anos 80 com a participação do movimento operário-popular na luta contra a ditadura e pela democratização das instituições públicas, já o último ocorrendo nos anos 2000 através da vitória do governo Lula para a presidência. Os três momentos ocorrem em períodos diferentes e diante deles foi notado o posicionamento dos ME nestas fases sendo visível que:

A diferença dos dois primeiros momentos para o terceiro dá-se pela conjuntura que se modifica com o fim da guerra fria entre EUA e a União Soviética, crise do socialismo real, intensificação e ampliação das políticas neoliberais e reorganização da esquerda. (Ferraro, 2014. p.11)

Ainda sobre o impacto histórico dos ME no Brasil, Gohn (2016) afirma que em 1966 foi o ano em que o movimento estudantil se recompôs, chegando ao seu clima em 1968, visto que é neste ano que se os estudantes associam-se na luta contra a ditadura, mas vale frisar que foi uma luta acirrada, pois foi neste mesmo ano em que foi emitido o Decreto nº 477 e o Ato Institucional nº 05. Ao analisar mais a fundo os ME brasileiros nos deparamos com quatro ciclos de protestos e mobilizações na história que são:

O primeiro ao longo dos anos de 1960 das revoltas e passeatas; O segundo “a partir de 1975 quando a tensão contínua entre o militares e as forças democratizantes gerou uma dinâmica de “concessões do regime e conquistas da sociedade” dentro de uma conjuntura de resistências e luta democrática;” O terceiro localiza-se na década de 1980 na conjuntura do “movimento pela Anistia” e as “Diretas já” [...]; [...] O quarto ciclo das lutas estudantis ocorre com os “caras pintados” durante o processo de impeachment de Collor [...] 6; (Sidney e Tarrow apud Gohn, 2014, p. 03)

A história do Brasil é descrita como tendo um momento de ampla participação política estudantil, sendo pela memória social como também pela historiografia (FIEGENBAUM, 2012, p.13). Diante do trajeto histórico massivo dos movimentos na participação política do Estado, funda-se em 1937 a União Nacional dos Estudantes - UNE como uma entidade de caráter social e político que agrupava diversos variados estudantes, de

grupos distintos e com tendências políticas e ideológicas diferentes (ARAÚJO, 2007, p.21). Segundo Fiegenbaun (2012) ela nasce através realização do primeiro Conselho Nacional dos Estudantes, mas que os seus primeiros anos de existência foram de dúvidas pois a mesma carecia de ter uma sede própria e tinha um orçamento minúsculo que o impossibilitava a centralização dos estudantes compreendidos em todo o País.

O seu período inicial foi marcado ainda pela eclosão da segunda guerra mundial e também pelo golpe de Getúlio Vargas que implementou o Estado Novo (FIEGENBAUN, 2012, p.28). Com isso deu-se o primeiro ponto de tensão entre a UNE e o Governo de Vargas pela questão internacional, culminando emissão de uma mensagem de denúncia feita pela UNE contra o nazifacismo em 1938, assim sendo a luta contra o fascismo se tornou a bandeira do movimento nacional dos estudantes (ARAÚJO, 2007, p. 35). Depois da segunda guerra mundial a UNE empregou esforços na campanha "petróleo é nosso" que defendia a responsabilidade da União em todas as fases de extração do recurso (BITTAR, 2014, p.150), seguido da greve contra o aumento das tarifas do bondes (1948-1949) e o Congresso Brasileiro da paz 1949 (SAMPAIO, 2017, p.384).

A fase mais difícil vivida pela UNE foi no período da Ditadura Militar, pois nesta fase todos os movimentos que estavam em prol da democratização da educação e da cultura foram vistos como rebeldes, nesta fase para conter os estudantes foi realizada a reforma Universitária (Lei 5.540, de 1968) e também instaurada o AI-5 (BITTAR, 2014, p.152). De acordo com Araújo (2007) nesta fase os CA's foram encerrados e o governo Militar passou a caçar professores, chefes de departamento e expulsar estudantes acusando-os de comunistas, diante disto a UNE se sentiu obrigada a atuar na clandestinidade. Mesmo diante disso o movimento não cedeu pois:

[...] Apesar de extinta, a UNE ainda era um símbolo político importante". Estudantes que militam na AP (Ação Popular) começaram a reorganizar a entidade logo depois de 1964. Greves, manifestações e passeatas eram convocadas em nome da entidade, que continua elegendo seus presidentes e realizando clandestinamente seus congressos [...] (ARAÚJO, 2007, p. 157).

As campanhas "Diretas já" são destacadas como a maior demonstração de força da UNE nos dias da Ditadura Militar, ela consistia na exigência nas eleições diretas à Presidência da República nos anos de 1984-85 (BITTAR, 2014). Araújo (2007) enfatiza que a campanha animou vários comícios e manifestações espalhadas pelo país, como o caso do comício feito no Rio de Janeiro que reuniu mais de um milhão de pessoas. Com isso deu-se em 1985 o fim da ditadura militar no Brasil que foi ocasionado por um confronto político entre duas partes estado de um lado o projeto de liberalização defendido pelo militares e os

outros setores sociais apoiantes, já do lado oposto se encontrava o movimento popular que reivindicava a liberdade democrática e a restauração plena do estado de direito.

Com o fim da ditadura e a restauração do Estado democrático de Direito a UNE entrou em uma fase diferente da história, tendo em 1985 a sua condição legal (BITTAR, 2014). Na década de 1990 a sua participação política continuou atuante tendo em destaque as manifestações no campo educacional do País. Destaque ainda para situações como a eleição do primeiro presidente negro da UNE em 1995 e a Marcha dos cem mil que resultou da abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar as denúncias irregulares nas privatizações do governo de Fernando Henrique Cardoso (FIEGENBAUN, 2012, p.63). De acordo com Bittar (2014) e Feingebaun (2012) destaca-se ainda a realização de uma consulta nacional que optou pelo apoio ao novo governo de Lula em 2002. Teve o apoio da ex-presidente Dilma Rousseff, uma ex-militante estudantil e a primeira mulher a governar o Brasil.

Falar de história do ME no Brasil é falar da UNE, pois o mesmo esteve presente durante muitos anos como representante máximo dos estudantes no País, mas vale mencionar que durante esta evolução vários outros grupos surgiram como também vários estudantes passaram a não identificar-se com a UNE pois para alguns a organização tornou-se politizada ou seja a mesma devia ter um posicionamento imparcial e tendo como bandeira a defesa do interesse dos estudantes, mas no últimos anos ela vem fugindo das suas origens e tem defendido várias vezes os interesses de grupos políticos.

Similar ao Brasil, em Angola a participação dos ME teve seu início no século XX, respectivamente com maior impacto da década de 70. Antes da sua independência Angola era considerada uma província ultramarina de Portugal, em que toda a sua gestão administrativa e política era exercida por Portugal e isso não foi diferente dentro do sistema de ensino onde era notória uma minoria branca fazendo parte dos maiores cargos de tomada de decisão. Segundo Liberado (2019) no dia 06 de Outubro de 1963 é instituído em Angola o primeiro estabelecimento de ensino superior em Angola conhecido como Estudos Gerais Universitário, o mesmo dá início das suas atividades com aberturas dos cursos de Medicina, Engenharia, Veterinária, Agronomia, Silvicultura e Ciências Pedagógicas.

Nos seus primeiros anos os Estudos Gerais era considerado com sendo um polo sediado em Angola pertencente a Universidade Portuguesa, isso fez com que no início a mesma teve um baixo número de estudantes matriculado sendo somente 286 no seu primeiro ano de atividade, mas em 1968 a mesma atinge o status de Universidade de Luanda ocasionando um crescimento de estudantes matriculados, tendo como 3094 estudantes

matriculado no ano letivo de 1973-73 (Liberado, 2019). Com o aumento dos estudantes dentro da Universidade os estudantes começaram a ganhar voz, tendo mais participação nas tomadas de decisões aplicadas dentro da Universidade com isso em Maio de 1964 os estudantes reuniram-se e aprovaram moções de saudações a junta de Salvação Nacional, exigindo a libertação de estudantes angolano presos Figueiredo (2011, p.25).

As reivindicações dos estudantes não pararam por aí, tendo conhecimento do fim do Regime de Salazar em Abril de 1974, fez com que os mesmo ganhassem mais força decidindo que:

[...] Anunciariam que a Pró-Associação de Estudantes da Universidade de Luanda (Pró-AEUL), passaria a ser o seu porta-voz. Mas foram nas Assembleias Magna de 6 e 8 de Maio de 1974, com mais de dois mil alunos, professores e funcionários a tomarem uma posição mais vincada: repúdio a hipótese de um governos minoritário branco, extinção dos organismos coloniais (Assembleia Legislativa, Junta Consultiva, Conselho Económico e Social e outros) detenção dos agentes da PIDE; destituição dos chefes nativos nomeados pelo regime colonial; integração no exercito do flexas e da OPVDCA; fim às hostilidades com os Movimentos de Libertação; restrições as grande empresas e inquérito as fortunas dos pequenos grupos capitalistas (FIGUEIREDO, 2011, p.25)

Com o fim do regime de Salazar em Portugal e a crescente luta dos Movimentos de Libertação em Angola face a conquista da independência a situação na Capital Luanda ficou instável para os estudantes, pois o grupo começou a deteriorar visto que dentro deles vários membros filiavam-se a uma determinada doutrina pregada por um dos Movimentos de Libertação (Figueiredo, 2011, p.33). Com a situação instável em Julho de 1974 concretamente nos dias 14, 15 e 16 a Pró-AEUL se viu obrigado a decretar luto nacional em detrimento da morte de centenas de pessoas. A greve levantada pelo ME convista a refletir sobre a situação atual, pois era perceptível por eles que a união dos estudantes era necessária para poder influenciar o contexto social vivido em Angola, seria necessário todos se solidarizarem pela causa deixando de lado as suas vestes políticas ou quaisquer conflitos raciais, mas sim pensar em poder mudar a situação com finalidade de criar um lugar melhor (Figueiredo, 2011).

O tempo passava e a situação política em Angola era cada vez instável, não se tinha boas conversações entre os Movimentos de Libertação, todos eles lutavam para assumir o poder, com isso os estudantes buscaram não ceder face à situação instável de vários conflitos que se vivia, com isso o ME ocupou vários liceus espalhados na Capital não permitindo assim a continuidade das aulas enquanto não se chegasse a uma devida solução. Depois de mais de 50 dias ocupando ocasionou que:

O movimento estudantil obteve um acordo com os responsáveis pela educação em finais de Agosto de 1974. O ministério aceitou alguns pontos: ano letivo entre Abril e Dezembro, redução gradual dos exames, a reestruturação dos curricula, acesso à gestão da escola, abolição a curto prazo dos exames de ingresso à Universidade,

fornecimento de salas, máquinas de escrever e de policopiar para as associações. Os estudantes comprometeram-se a desocupar os liceus, a não criarem obstáculos ao seu funcionamento e a repararem os danos causados. (Figueiredo, 2011, p.38).

Com este acordo as coisas passaram a amenizar e encaminharam-se nos trâmites, as aulas deram sequência e os conflitos foram reduzidos. Figueiredo (2011) destaca que neste mesmo ano em 1974 no período em que decorriam os exames foi aprovado o estatuto da Pró-Associação dos Estudantes do Ensino Secundário de Luanda (Pró-AEESL), passando a se tornar o motor dos ME, eles tinham como objetivos: representar os estudantes do ensino secundário em Luanda, defender os seus direitos nas áreas pedagógica, cultural, desportiva, científica e social; promover a sua investigação; lutar pelo ensino oficial gratuito que sirva às necessidades do povo angolano; estreitar os laços de solidariedade com os estudantes do secundário e outras escolas nacionais.

Os acontecimentos seguintes foram bastante significativos para a Pró-AEESL, pois a mesma sendo aprovada ainda tinha vários estudantes e diversos outros grupos da sociedade civil que eram contra o movimento os mesmos alegavam que a ela possuía uma ligação com um dos movimentos de libertação nacional concretamente o MPLA fazendo dela um ME alienado e não defensor da democratização e muito menos dos interesses dos estudantes. Mas a mesma não se deixou intimidar foi ganhando força e lutando pelos seus ideais, fazendo então eclodir no dia 22 de Abril de 1975 uma greve geral contra o Reitor do Liceu Salvador Correia, esta mesma que foi marcada por vários grupos apoiantes como o dos professores e também vários grupos opositores como os que defendiam a permanência do Reitor (Figueiredo, 2011). No dia 23 de Abril os estudantes da Pró-AEESL e seus simpatizantes decidiram fazer uma marcha de manifestação até ao Palácio do Governo reivindicando o afastamento do Reitor do Liceu, mas esta manifestação terminou com um confronto entre os militares e os estudantes gerando agressões físicas e disparos de armas de fogo por parte dos militares contra os estudantes (Figueiredo, 2011).

Com a tensão aumentando dentro do território angolano a situação ficava cada vez mais complicada para os ME. Em Novembro de 1975 o MPLA decretou a independência de Angola em Luanda e chega ao poder, não dando intenção de quaisquer diálogos com os outros dois partidos da oposição. Com ele no poder o Movimento dos Professores morreu e a Pró-AEESL foi perdendo voz para poder lutar contra o novo governos, sendo obrigada a retomar as aulas mesmo com o clima de instabilidade, diante disso era viável que as suas funções estavam se esgotando e sendo favorável ao MPLA. Mesmo nunca tendo se submetido ao

poder a Pro-AEESL viu-se encurralada no período pós-independência, isso originou a sua extinção de forma coerciva feita pelo Juventude do MPLA (JMPLA) (Figueiredo, 2011).

Posterior à independência o país se viu dentro de uma guerra civil longa, tendo como protagonistas os três movimentos de libertação nacional MPLA, UNITA e FNLA. Em 1992 foi implementado o sistema de democracia com a realização das primeiras eleições democráticas, terminando com a vitória do MPLA (NGULUVE, 2006). Até este ponto a presença do ME era quase inexistente, pois a democracia foi falha e o País voltou a entrar novamente numa guerra civil.

Com o acordo de paz em 2002 o país começa a ter mudanças significativas, se dá a abertura da democracia e se permite com que os estudantes pudessem ter maior participação na política, tendo resultado da criação do Movimento dos Estudantes Angolanos (M.E.A) em Abril de 2005. O MEA teve um grande impacto na sociedade angolana permitiu com que os estudantes pudessem se reunir de forma organizada para que reivindicassem os seus direitos e exigissem melhoria no ensino, mas vale frisar que a mesma só foi reconhecida pelo Governo no dia 19 de Março de 2014 por meio da publicação do Diário da república da referente data.

De acordo com o Diário da República de 19 de Março de 2014, o MEA tem como objetivos de: defender os direitos dos estudantes; promover o associativismo estudantil em torno do processo de revitalização de todo o nível de ensino; e promover ações tendentes ao conhecimento e assimilação da história dos povos de Angola e dos valores culturais.

#### **4. ESTUDANTES ANGOLANOS NO BRASIL: AS EXPERIÊNCIAS EM MOVIMENTOS ESTUDANTIS**

Atualmente os ME vêm aumentando suas pautas e a pluralidade na composição de estudantes participantes, podendo se destacar atualmente ações identitárias em que buscam proporcionar mudanças em campos variados na sociedade. Como afirma Gohn (2016), faz parte da construção da cidadania de um indivíduo o seu envolvimento em lutas pela busca de direitos, como as lutas pela educação, pois os ME abrangem não só questões escolares como também de gênero, etnia, nacionalidade, religiões, pessoas com deficiência, meio ambientes, qualidade de vida, paz, direitos humanos, direitos culturais, etc.

De modo a ter uma maior percepção do foco dos ME pudemos ter três estudantes angolanos da Unilab residentes no Brasil participando da nossa pesquisa, se propondo em expressar mais abertamente as suas vivências dentro dos mesmos. Devemos frisar ainda que

os nomes a serem usados no trabalho serão resguardados como meio de preservação identitária. Neste caso, usaremos os nomes fictícios de Maurício, Bernardo e Francisco.

#### **Quadro 1: Informações pessoais dos entrevistados**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Nacionalidad e</b>	<b>Curso</b>	<b>Ano de Ingresso</b>
Mauricio	27	Masculino	Angolana	BHU	2018.2
Bernardo	*	Masculino	Angolana	BHU	2020.1
Francisco	*	Masculino	Angolana	Sociologia	2018.1

#### **4.1 Experiências nos ME em Angola e Brasil**

Para evidenciar as experiências dos nossos entrevistados dentro dos ME, dividimos a nossa análise em três categorias: Experiências nos ME em Angola e no Brasil; Motivações, Cotidiano e lutas no ME no Brasil; e Relações institucionais entre ME, Comunidade acadêmica da Unilab e organizações externas.

Na primeira categoria temos como foco abordagem da vivência dentro dos ME dos nossos participantes nos dois espaços geográficos distintos, discorrendo sobre as experiências vividas e como as mesmas implicam nas suas vidas pessoais, como também a compreensão na construção de um olhar crítico sobre a temática diante da dicotomia entre ME em países distintos. Na sequência a categoria que aborda sobre motivações vem dar um maior enfoque na percepção das lutas cotidianas vividas pelos entrevistados dentro de um espaço acadêmico multicultural, relatando sobre as suas lutas diárias dentro da Universidade. Já o último ponto, não menos importante foca nas relações vividas dentro dos ME, apresentando uma percepção gigantesca diante de uma grande rede de diálogos entre os demais diversos MS, aqui os entrevistados falam sobre a necessidade e importância do diálogo constante do entre os ME, comunidade acadêmica e outras instâncias pertencentes a estrutura organizacional da Universidade como também, organizações sociais fora dela.

Dos três entrevistados, todos homens e estudantes do BHU, todos tiveram contato com algum tipo de movimento estudantil em Angola, enquanto dois fizeram parte de associações de estudantes, organização designada a representar os estudantes dentro das instituições de ensino o outro foi por meio de observação e investigação pessoal dando-lhe a oportunidade de poder perceber melhor as associações e ter uma noção dos seus reais objetivos como consequência teve também um contato com o MEA. Maurício, por exemplo,

nosso primeiro entrevistado teve uma participação mais duradoura nos movimentos estudantis em Angola, posterior ocasionando a sua participação nos ME no Brasil, contudo o mesmo teve o seu entendimento sobre os mesmos, na sua fala ele diz que:

Na Verdade eu tenho experiência de ME, até porque em Angola já fazia parte de um mesmo, conhecido como Associação dos Estudantes... em Angola onde eu fazia parte eram mais voltadas principalmente aos estudantes no geral, já aqui com a experiência do CA eu vejo que existe uma prioridade, onde as causas de lutas são focadas em um determinado núcleo ou curso que é o BHU, é visto que as lutas estão mais voltadas ao curso em si e não voltada a comunidade acadêmica em geral englobando todos os cursos da UNILAB.” (Maurício, depoimento oral, 2022).

Dada a experiência vivida pelo entrevistado nos ME em realidades relativamente diferentes lhe fez perceber a dicotomia existente entre eles diante das suas abordagens de lutas, onde o mesmo encara de um lado o movimento dos estudantes em Angola que foca numa luta coletiva, onde os mesmos lutam pelos direitos da coletividade, já no Brasil para o nosso entrevistado o DCE movimento na qual fez parte possui uma luta mais seletiva focando somente na defesa dos direitos dos estudantes do curso em si.

Já Bernardo teve uma participação breve e não muito agradável em Angola nos movimentos estudantis e disso ele pode ter uma visão diferenciada de Francisco quanto aos ME. De acordo com o nosso entrevistado, que fez parte da associação dos estudantes de uma escola do ensino médio, atuando como responsável da área de informação, esta experiência não teve grande impacto na vida de Bernardo, pois o mesmo esclarece que diferentemente do ME no Brasil, em Angola atuando como Secretário de informação, não lhe era permitido cumprir as tarefas incumbidas ao seu cargo, pois quando o mesmo tentava buscar atuar dentro da instituição lhe era impedido por instâncias superiores como o mesmo aborda na fala dele:

... de certo modo me sentia limitado naquilo que era a minha função de comunicador de informação, porque de certo modo as informações, eu era obrigado a não passar por serem consideradas informações confidenciais...” (Bernardo, depoimento oral, 2022).

Com isso Bernardo não considera com sendo impactante as experiências obtidas em Angola nos ME, fazendo com o que mesmo afirma que:

“... as minhas experiências sobre os ME no Brasil deu-se início na Unilab tendo em conta que eu recebi um convite para participar numa das Chapas que se candida tou para o CA do BHU em 2021... movimento foi uma experiência ambiciosa desde o momento em que recebi o convite até no processo de debate entre as chapas participantes, mas o que atenção foi a diversidade na nossa chapa, sendo ele vista como a chapa que representou a integração na Universidade com isso me senti no dever de participar da Chapa “Nós pra Nós” Etumidiato. Foi através da sigla ou nome de chapa que me levou a participar. (Bernardo, depoimento oral, 2022).

O último entrevistado teve um breve contato com os ME, mas não teve participação efetiva, mas buscando por meios próprios se inteirar melhor sobre as organizações de modo a ter uma visão próprias sobre eles, com isso na fala de Francisco ele nos informa que:

... sobre a experiência do em ME no Brasil e em Angola, primeiramente gostaria de dizer que em Angola eu não pertencia em nenhum ME por alguns fatores, um dos primeiros fatores é que a Associação dos Estudantes que ai chamam dentro que há nas Universidades elas são monopolizadas por indivíduos não feitos a partidos políticos e isso impede com que pessoas não é, sobre tudo eu que venho da sociedade civil ou do ativismo... Quando cheguei aqui no Brasil eu fiz parte em 2018 do CA do BHU, a experiência foi muito boa, foi o meu primeiro contato com os ME, fiz parte como Coordenador da relações étnico-raciais ou relações raciais aqui na Unilab, foi muito bom, foi um movimento de luta não só contra o curso ou seja contra as imposições que se metia o curso, mas também em pró a nossa Universidade sobre o direito dos Estudantes e também sobre todo a questão de defender o princípio da igualdade... e isso influenciou-me a me candidatar a presidência da associação após terminar o meu mandato no CA ou seja me candidatei à presidência da associação de estudantes e me consagrei vencedor e hoje venho desenvolvido aquilo que eu aprendi nos ME e sobretudo também venho ressignificando as minhas lutas não é, não só com a Universidade, mas também com as instituições do Estado angolano como a embaixada” (Francisco, depoimento ora I, 2022)”

Todos os entrevistados compartilham do pensamento de que o envolvimento deles nos ME principalmente no Brasil, mudou as suas percepções de vida, passaram a enxergar os contextos de uma forma diferenciada e que as suas experiências têm sido emblemáticas, mas os mesmos possuem uma percepção diferenciada quando o ponto é a relação entre os ME os dois países, pois Maurício nos diz que as lutas procedidas pelos ME nos dois países são diferentes, sendo que um é mais generalista e outro mais individualista, mas Francisco fala sobre a intervenção das instâncias superiores na interferência do cumprimento das suas tarefas enquanto membro do órgão máximo de representação estudantil numa instituição de ensino e por fim, Francisco aborda sobre o envolvimento de partidos políticos dentro dos ME ou seja para o entrevistado os ME em Angola são meramente ferramentas forjadas por ideais políticos, onde seus participantes não visam lutar pelos direitos dos estudantes, mas sim visam defender os ideias de partidos políticos na qual fazem parte. Assim sendo entende-se que experiências nos ME são importantes e cruciais, pois as mesmas permitem com que seus membros representantes encarem os espaços acadêmicos de forma diferenciada e com base nisso começam a enxergar impacto das lutas estudantis com respaldo nas aplicações das políticas educacionais visando uma melhoria na qualidade de ensino.

De acordo com Gohn (2016) os ME tanto do ensino superior quanto do ensino médio sempre desempenharam um papel crucial na história da política do Brasil e isso não se

torna diferente em Angola, visto que a mobilização estudantil principalmente teve um papel fundamental na fase da luta colonial contra o império português na libertação de Angola (Figueiredo, 2011). É perceptível que independentemente do período histórico e contextos sociais diferentes os ME, possuem um papel de destaque dentro das mudanças de paradigmas sociais, mas vale perceber que uma participação dentro de um ME atuante em instituição de ensino médio torna-se diferente de participar numa de ensino superior, pois as representações acadêmicas do ensino superior são percebidas como as de maiores impactos sociais e aquelas que possuem uma maior frequência de diálogo com outras instituições e organizações sociais.

A história dos ME nos apresenta uma forte ligação entre eles e os partidos políticos, como em alguns lugares apoiantes de partidos e sindicatos de trabalhadores como também em outros contextos dando apoio a partidos ligados a ditaduras (FERRADO, 2014). Segundo Bittar (2014), os ME no Brasil maior parte dos ME exaltam de uma forma ou de outra a democratização da educação e da cultura e que isso faz com que muitas vezes os mesmos sejam encarados como sendo subversivos aos partidos da direita.

Por mais que os ME sejam ligados a questões de lutas nobres focadas na busca dos direitos da maioria, em vários momentos da história, isso não ocorre e os mesmo alinham os seus interesses com governos autoritários.

#### **4.2 Motivações, Cotidiano e lutas no ME no Brasil.**

A adaptação dentro de uma cultura diferente tem sido um dos principais empecilhos dos estudantes estrangeiros na Unilab, pois quando os mesmo têm o primeiro contato com uma nova realidade e dentro de uma Universidade, sente-se a necessidade de adaptação rápida ao novo contexto e isso muita das vezes perpassa pelo acolhimento dos outros estudantes, com isso vários estudantes quando chegam a Universidade possuem certas dificuldades em adaptar-se e isso se torna ainda mais difícil quando a questão é a participação nos ME.

Para os nossos entrevistados de certa forma esta fase de adaptação não foi difícil e as suas percepções das realidades em que se encontravam naquele ponto os levou a adentrar e participar dos ME. Em seus relatos é perceptível que além das suas motivações individuais os mesmos tiveram um fator em comum que os levou a participar dos movimentos na Universidade que seria o curso e a Universidade em si, pois para eles estando num espaço onde a multiculturalidade está em alta, há a necessidade e integrar-se dentro dos espaços de modo a compreender os outros e partilhar os espaços de forma igualitária.

O BHU é um curso conhecido dentro da Universidade como aquele que impulsiona o pensamento crítico dos estudantes, levando-os a pensarem de forma diferente e poderem ter abordagens que se centram na desconstrução de paradigmas, com este contato os nossos participantes tiveram motivações que os levou a participar dos ME. Olhando nas suas particularidades que os levou a participar nos movimentos na fala Francisco ele esclarece que:

... primeiro fui incentivado por alguns amigos logo que eu cheguei, por ter um posicionamento crítico as pessoas foram me dando forças para fazer parte de um ME da Universidade e também a convite de um amigo brasileiro chamado Vitor Hugo para fazer parte da chapa que ele estava a criar o CA..." (Francisco, depoimento oral, 2022).

Já na fala de Maurício ele diz que:

Um dos motivos que me levou a fazer parte do ME da Unilab propriamente CA que é a Comunidade Acadêmica é primeiro o curso que estou fazendo, isso me impulsionou com que eu faça parte deste movimento e não só, como também recebi convite de estudantes que na altura da campanha estavam a formular os seus grupos e propuseram que eu fizesse parte de Movimento, que é um movimento que luta pela causa dos estudantes unilabianos concretamente do Curso do BHU (Maurício, depoimento oral, 2020).

As lutas dentro da Universidade são constantes e diversas, com isso é necessário que os participante dos movimentos consigam conciliar as suas aulas com a carga horária de participação nos ME, pois as lutas não param e muito menos as aulas, segundo o nosso entrevistado Francisco a carga horária aplicada aos estudantes participantes do CA é de 200, mas quanto a de participação nas Associações dos Estudantes ainda não é sabida, pois se espera uma aval da Programa de Bolsas de Extensão, Arte e Cultura (PROEX) de modo a apurar e verificar qual seria a carga horária necessária a aplicar.

Com a fala dos nossos participantes foi evidente perceber que as suas áreas de atuação dentro do CA foram setores ligados a questões como Integração e Relações Raciais. É evidente que perante as esta multiculturalidade existem tensões entre as demais diversas comunidade dentro da Universidade, muitas das vezes não sendo somente entre estudantes, mas também entre Professores e alunos, variadas problemáticas já foram abordadas dentro de CA, como aponta Maurício: questões como assédio sexual entre um estudante angolano e uma brasileira, como também falas racistas proferidas por Professores à estudantes africanos. Questões como estas são encaradas como as lutas constantes travadas pelo ME dentro do espaço acadêmico e isso os leva a ter uma postura capaz de solucionar estes conflitos, diante de assuntos do gênero Maurício fala que:

... Mas a minha atuação também foi de grande importância porque nos deba tiam os sobre a questões do racismo dentro da Universidade isso no CA, racismo cometido pelos Professores, debatíamos, pensávamos as nossas formas de atuações e de com o

se posicionar em situações que envolvem estudantes africanos e não só também brasileiros, mas negros e negras perante a uma branco dentro da Universidade, então nós se posicionávamos mais como mediadores e não como protagonistas de criar mais situações alarmantes, nos posicionávamos como mediadores...” (Mauricio, depoimento oral, 2022).

Com as demais lutas vividas diariamente dentro dos espaços acadêmicos, os ME se sentem na obrigação que levam a criar métodos que visam a amenizar os conflitos existentes, passando por criação de eventos festivos que visam integração dos estudantes tendo como foco o intercâmbio cultural, com isso de acordo com o entrevistado Bernardo a sua gestão criou-se a coordenação de artes e culturas que:

... As minhas principais lutas primeiramente centram em primeiro promover eventos para a integração afro-brasileiras onde estudantes brasileiros, indígenas e quilombolas e estudantes internacionais africanos possam apresentar as suas culturas dentro e fora dos espaços acadêmicos a fim de que conheçamos as culturas regionais étnicas que fazem parte das nossas expressões ... proporcionar debates entre a comunidade acadêmica e as comunidades vizinhas da Universidade construindo diálogos e saindo da bolha a fim de construir mais espaços de diálogos mais íntimos e confluências de promover saraus públicos onde estudantes e a comunidade vizinha poderão expressar-se, performar-se, cantar, declamar, gritar como forma de representação cultural e resistência a censura e repressão e aos ataques neofacistas a produção cultural do povo preto, indígena, quilombola, periféricos, lgbtq+ e feministas...” (Bernardo, depoimento oral, 2022).

Os ME surgem da necessidade de criar um espaço satisfatório para toda a comunidade acadêmica e isso os leva a lutas constantes com vista ao atingimento de suas metas, o CA do BHU que possui maior destaque na nossa pesquisa vem se reinventando a cada gestão, buscando sempre o melhor para os estudantes e não só como também vem envolvendo projetos buscam transcender os espaços dentro da Universidade ou seja a criação de programas que busca promover uma boa relação entre a comunidade acadêmica e a comunidade dos Municípios vizinhos.

O espaço multiculturalista vivido dentro da Unilab torna-se imprescindível na convergência de diferenciadas pautas debatidas visadas por diversificados grupos, dentro deste espaço problemáticas abordadas podem levar a discussões para além das esferas dos espaços acadêmicos vividos, pois diversas situações vivenciadas devem ser encaradas de forma delicada, podendo a ser discutidas em outros fóruns sociais. Dada a conjuntura pluricultural vivida dentro da Universidade, pautas abordadas entre as demais representações estudantis podem se elevar a um panorama internacional, ocasionando convergência muitas das vezes nas lutas buscadas por grupos sociais distintos. Casos como racismo, xenofobia e outros que muito são discutidos dentro da Universidade chegam a transcender as esferas internacionais, pois o emaranhado de estudantes existentes nesta esfera acadêmica faça com

que as suas demandas sejam não somente discutidas e projetadas dentro da Universidade, mas sim em diferentes trametes originando um diálogo constante entre os ME da Universidade com esferas governamentais, organizações sociais e outros movimentos sociais. Desta feita podemos perceber que a conjuntura pelos ME dentro da Unilab possui uma característica diferenciada diferente das outras, visto que os diferentes grupos neles inseridos podem tornar esta relação de diálogo entre eles tanto em dimensões, regionais, nacionais e até internacionais.

Outro ponto a ser levantado aqui é sobre o olhar dos movimentos sociais perante a formação dos indivíduos enquanto entes sociais e membros da sociedade civil, pois além da educação tradicional apresentada dentro das esferas de ensino o MS, também se mostra como uma estrutura organizacional que preza a educação do indivíduo. Gohn (2016) nos diz que a escola torna-se o centro da formação de cidadãos ativos através das interações divididas entre a escola e a comunidade civil.

#### **4.3 Relações Institucionais entre ME, Comunidade acadêmica da Unilab e organizações externas.**

Os ME fazem-se dentro de espaços acadêmicos e eles vivem pra isso, com intenções de preservar os interesses da comunidade acadêmica, eles são reconhecidos com a voz da maioria e com isso eles tornam-se um órgão com a necessidade de constante interação, tanto com os estudantes como também com Professores e o Setor administrativo de qualquer instituição acadêmica na qual fazem parte. Mas é perceptível que as suas relações de diálogo não perpassa somente diante destes atores, pois os ME, são também vistos como sendo uma parte de vários MS, assim sendo é de extrema necessidade que os mesmos busquem sempre dialogar com organizações e instituições que estejam fora das instituições acadêmicas em que atuam. Mas para isso a base da existência coesa e harmoniosa de um ME é a boa relação com a comunidade acadêmica na qual faz parte e com isso os nossos entrevistados puderam nos dar um vislumbre de como tem sido o diálogo entre os ME e a comunidade acadêmica em si. Na fala de Francisco ele nos diz que:

... vou me centrar mais como é o diálogo com a comunidade acadêmica, técnicos, discentes, professores e etc. O diálogo com a comunidade acadêmica requer muita paciência porque há quem não se sente representado tão pouco pelo CA, digo isso porque eu já pertenci ao CA, tão pouco pelo DCE, eu nunca pertenci ao DCE, mas participava das reuniões do DCE e também nos ME das comunidades, por exem plo, africanas me refiro da associação também há quem não se sente representado por associação ou seja ele auto se representa há quem usa este tipo de discurso, mas há quem se sente acolhido pela associação ou pelo DCE e normalmente cumpre e também critica algumas ações do DCE. O diálogo tem sido mais ou menos fluido,

digo fluido porque estes ME estão em constante relações com a comunidade” (Francisco, depoimento oral, 2022).

Com a fala de Francisco podemos perceber que por mais diversos grupos de representação estudantil dentro de um determinado espaço acadêmico a relação entre os ME e os estudantes ainda é delicada, pois em espaços sociais onde fazem parte diversos indivíduos torna-se complexo interligar as ideias de todos, mas com isso por mais que ainda se percebe estudantes ligados a participação dentro dos ME, alguns deles abraçam a causa e lutam ao lado dos ME, como aborda Bernardo na sua fala:

... como membro e órgão de representação estudantil a maneira que eu encaro o diálogo com a comunidade em geral eu digo que é... de uma forma boa, a comunidade tem de certo modo captado as informações das atividades que tem os passado e temos recebido um bom feedback da comunidade estudantil e de certo modo a comunidade estudantil tem nos ajudado na melhoria dos nossos trabalhos, tenho em conta que estamos em fase de pandemia a gente usa especificamente as redes sócias para divulgação, para esta comunicação entre nós, como CA e a Comunidade Estudantil, pelo Insta, Facebook, normalmente os estudantes têm deixado comentários nas nossas páginas e tem sido este intercâmbio, esta ligação entre a comunidade estudantil, então digo que o diálogo tem sido bom e benéfico... (Bernardo, diálogo oral, 2022).

Esse diálogo entre os ME e a comunidade estudantil torna-se o parâmetro fundamental da atuação dos ME dentro da Unilab, diante das demandas dos estudantes. Quanto a relação com organizações externas, Francisco nos deu um vislumbre sobre esta relação entre os ME com demais organizações, com ele podemos perceber que por mais que seja dificultoso ainda existe uma relação sólida entre diversos MS, onde os mesmos buscam auxiliar-se uns aos outros, originando como uma espécie de rede de informação solidária, o mesmo nos dá o seu depoimento sobre esta relação dentro da sua atuação como membro do poder executivo da associação dos estudantes de Angola, dizendo que:

... um exemplo é a questão das cestas básicas, foi um dialogo que tivemos com a comunidade acadêmica angolana, vimos que um dos grande problemas ou dificuldades que as pessoas relativamente tinham era de quando perdem o auxilio não têm uma fonte de financiamento ou uma fonte que poderia lhes garantir alimentação para ter a permanência na Universidade, então a gente repensou isso junto da Comunidade e nós enquanto direção sentamos e buscamos ir buscar junto de outros movimentos estudantis e outros sociais como o caso do movimento negro e etc, lgbtq+, movimento quizomba e estes movimento nos atenderam e hoje a gente faz distribuição não mensalmente, mas de dois em dois meses... nos enquanto ME ou Associação temos este olhar critico e acritico e também estamos em constante interação com estes estudantes né, então quando a gente se depara com estas situações busca outras ME, entra em dialogo com técnicos, professores e também com a gestão superior a fim de apresentar o problema para ser solucionado. Outro exemplo para terminar é a questão do colega Filipe Buba, um estudante da Bahia que precisa de uma Cirurgia, antes da gestão superior ter noção ouve um movimento do ME da Bahia junto com, Associação dos Estudantes Coletivos Africanos que se mobilizaram e deram a conhecer a gestão superior ao Universo todo dos ME e hoje todos nós estamos a luta solidaria para o nosso colega, então o dialogo as vezes proporciona este novo olhar...” (Francisco, dialogo oral, 2022).

Com isso percebemos veemente que os diálogos entre os demais grupos são necessários e fundamentais, pois os ME têm tido um papel preponderante não só dentro dos espaços acadêmicos, mas como também fora deles, pois muitas das suas ações têm ocasionando resultados benéficos em diversas comunidades ao seu redor.

De acordo com Gohn (2016) perante os movimentos contemporâneos, os Novos Movimentos Sociais são aqueles que mais buscam incorporar dentro das suas respectivas lutas as demandas da sociedade em geral, abordando questões como gênero, etnia, faixa etária ou questões ambientais. Os novos movimentos sociais focam os seus debates em questões, culturais, ideologias e lutas diárias, destacando-se como movimentos que se destacam como mecanismo de resistência à colonização, conforme afirma Alonso na primeira parte do texto, com isso dado o processo evolutivo social e as crescentes demandas da os movimentos começaram a envolver questões distintas em suas lutas, assim passaram a inserir nas suas lutas questões como gênero, etnia, religião, nacionalidade, portadores de necessidades especiais, meio ambiente, qualidade de vida, segurança pública, paz e outros. Perante esta abordagem é visível que os movimentos estão se reinventando e se desenvolvendo cada vez mais, deixando de ficar atrelados aos paradigmas teóricos que buscam explicar eles. Com a fala dos nossos participantes percebemos que o ME dentro da Unilab ganha uma imagem totalmente diferenciada dos demais outros conhecidos, pois a multiculturalidade existente dentro deste espaço acadêmico exige com que os ME se reinventam a cada dia em prol do atendimento das demandas da comunidade acadêmica e não só. Assim sendo, a Unilab torna-se um espaço que quebra paradigmas vivenciados dentro das estruturas dos MS, como também o auxilia no seu desenvolvimento de modo a se tornar mais íntegro.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ME são persistentes em suas lutas em busca de um sistema educacional mais democrático e que possa ser benéfico para todos, as suas lutas ao decorrer do tempo vão ganhando maior notoriedade dentro da sociedade e com isso os mesmos passam a ter mais reconhecimento diante da sociedade civil e com isso o leva cada vez a poder mesclar as suas lutas com diferentes outros grupos sociais.

O nosso trabalho buscou conhecer a experiência dos estudantes angolanos participantes dos movimentos estudantis de Angola e Brasil, diante das suas vivências num espaço acadêmico multicultural e uma realidade social distinta daquele que provém. Com isso, concluímos que a experiência dos estudantes angolanos na participação dos ME concretamente no Brasil tem sido importante tanto na vida pessoal deles como também nas suas importâncias no âmbito da percepção e compreensão da vitalidade dos movimentos dentro das instituições acadêmicas, um outro aspecto a se levantar aqui é que o espaço acadêmico da Unilab trouxe dentro das abordagens dos ME uma realidade diferenciada, um novo parâmetro, pois por muito tempo as maiores representações acadêmicas dentro das Universidades foi o DCE e o CA, mas a Unilab com a sua constituição diferenciada e o seu multiculturalismo, permite que uma outra representação é criada, sobretudo as Associações dos Estudantes, organizações que se focam no atendimento dos anseios de demandas dos estudantes dos seus respectivos países dentro do espaços acadêmicos.

Diante disso, podemos que afirmar que o objetivo em estudo dentro desta pesquisa em parte foi cumprido, com ela conseguimos enxergar o desenvolvimento histórico dos MS, posteriormente fazendo um paralelo com os ME dado os paradigmas que explicam a constituição e modo de atuação dos movimentos, ainda foi perceptível que os ME vêm se desenvolvendo cada vez mais, ganhando a cada dia novas formas e incluindo em suas demandas outras temáticas que não eram inseridas, como também eles possuem uma maior flexibilidade de diálogo com outros MS e outras organizações. Vale mencionar aqui também sobre o olhar que se tem da relação entre os ME e os partidos políticos, notando a necessidade

de desmistificar esta correlação, pois ainda existe uma percepção de que os ME focam maior parte das suas demandas vinculadas ao atendimento das vontades dos partidos políticos.

O campo de estudo dos ME é vasto e abrangente, várias temáticas futuramente ainda podem ser discutidas sobre os movimentos, através do nosso estudo comparado foi possível perceber, mesmo que sutilmente, a inserção de vários movimentos que as suas lutas se interligam e podem ganhar uma dimensão internacional, como questões como xenofobia e racismo, então aprofundar os estudos sobre os ME e diferentes temas torna-se interessante no campo de pesquisa que compreende os MS. A Unilab em si, com a sua multiculturalidade se torna um lugar maravilhoso para o aprofundamento de vários outros pontos ligados à questão dos ME, como compreender a sua evolução nos tempos atuais e também o intercâmbio e a relação dos diversos movimentos que coabitam no mesmo espaço.

## **REFERÊNCIAS**

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. Edições Loyola, São Paulo: 1997.

DUARTE, Adriano Luiz; MEKSENAS, Paulo. História e Movimentos Sociais: Possibilidades e Impasses do Campo do Conhecimento. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v.12, nº 01, p.119-139, 2008.

POKER, José Geraldo A.B.; ARBAROTTI, Alessandro. In. **Território, Movimentos Sociais e Políticas de Reformas Agrária no Brasil: Movimentos Sociais. O que há de novo?** Oficina Universitária: São Paulo: Cultura Acadêmica 2015, p.17-44.

DE ARAUJO, Nayra Veras; DE LIMA, Antônia Jesuíta. Melluci e Tarrow: Revisão Teórica Sobre os Movimentos Sociais. **Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, v.07, nº25, Julho 2010, p.115-130.

MIZOCZKY, Maria Ceci de Araújo, et al. Estudos Organizacionais e Movimentos Sociais: O que Sabemos? Para onde Vamos? **Cadernos Ebape**. BR, v.06. nº03, Setembro-2008.

ALONSO, Angela. As Teorias dos Movimentos Sociais: Um Balanço de Debate. **Lua Nova**, São Paulo, 76, 2009, p.49-86.

JENKINS, J. Craig. Resource Mobilization Theory and the Study of Social Movements. **Annual Review of Sociology**. Vol. 9, August-1983, p.527-533.

MCADAM, Doug; et al. Para Mapear o Confronto Político. **Lua Nova**, São Paulo, 76,2009, p. 11-48.

VECHIA, Renato da Silva Della. Movimentos Sociais e Movimento Estudantil. **Sociedade em Debates**. Pelotas. 2012, p.31-53.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento Estudantil Brasileiro: Práticas Militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 66, Outubro de 2003, p. 117-149.

FERRARO, Karina Perin; DAL RI, Neusa Maria. Movimento Estudantil e a Democratização da Universidade. In: VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL – TEORIA POLÍTICA DO SOCIALISMO. Anais. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” 2014.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Identidade, Cultura e Política: Os Movimentos Estudantis da Contemporaneidade**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-2006.

FIGUEIREDO, Maria Leonor Menezes Candido. **O Movimento Estudantil em Angola nos anos da Descolonização (1974-1975)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e Lutas pela Educação no Brasil: Experiências e Desafios na Atualidade. Reunião Científica Regional da ANPED, Educação Movimentos Sociais e Políticas Governamentais, UFPR – Curitiba/Parana – Julho de 2016.

PAULA, Jessica Reis de. **Movimento Estudantil: sua história e suas perspectivas**. 2007. Monografia (Conclusão do Curso de Nível Técnico de Registro e Informações em Saúde) – Escola Politécnica de Saúde, Rio de Janeiro – 2007.

FIEGENBAUM, Jones. et al. Movimento Estudantil Universitário: História do Diretório Central de Estudantes da Univates. Ed. Da Univates, 2012.

ARAÚJO, Maria Paula. **Memórias Estudantis: Da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2007.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. Os Movimentos Estudantis na História da Educação e a luta pela democratização da Universidade brasileira. **Ecos**, Revista Científica de São Paulo, nº 34, p.143-159, Maio/Agosto de 2014.

NGULUVE, Alberto Kapitango. Política Educacional Angolana (1976-2005): Organização, Desenvolvimento e Perspectivas. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FEUSP, São Paulo, 2006.

LIBERARO, Ermelinda. Reformar a Reforma: Percurso do Ensino Superior em Angola. **Revista Transversos**, 2019, p. 63-84.

DOS SANTOS, José Francisco. “Mama África”? Ligações Brasil e Angola. **Cadernos da África Contemporânea**, vol. 01, nº 02, 2018, p.173-186.

ANGOLA. Diário da República III Serie Nº 53 de 19 de Março de 2014.

